

## “VITA BREVIS”: UMA VISÃO FEMININA DO PENSAMENTO AGOSTINIANO \*

Monique Cittadino \*\*

“Vita Brevis. A Carta de Flória Emília Para Aurélio Agostinho”, de Jostein Gaarder, (São Paulo: Cia. das Letras, 1997, 5ª reimpressão) trata-se de um romance no qual este autor norueguês, tornado repentinamente um best seller mundial pela autoria de “O Mundo de Sofia”, constrói uma suposta carta escrita pela mulher com quem Santo Agostinho vivera por doze anos antes de dedicar-se à vida religiosa.

Apesar de tratar-se de um romance (fato que o autor oculta inteiramente no livro) e, portanto, de uma obra absolutamente ficcional, a análise da carta “escrita” por Flória Emília, mulher apaixonada, traída e abandonada por Aurélio Agostinho, e endereçada a ele, constitui-se em um instigante mote para se refletir acerca do pensamento agostiniano. Ainda, mesmo em se tratando de um documento não autêntico, pode ser um interessante ponto de partida para um estudo de gênero à medida em que, se tendo em vista as raras ocasiões a que, historicamente, as mulheres tiveram espaço de expressão sobretudo para tratar de temas e questões de ordem filosófica, “dá voz” a uma delas, construindo um discurso que se contrapõe ao ponto de vista masculino historicamente dominante e fundante de toda a tradição cristã ocidental.

A forma como Gaarder constrói “Vita Brevis” é extremamente interessante, apesar de podermos questionar a sua “honestidade” com o leitor, pois, em momento algum, ele deixa claro tratar-se de uma obra ficcional. Ao contrário, ele monta a narrativa dando a entender claramente que os fatos narrados efetivamente aconteceram, que a sua viagem à Argentina de fato acontecera e que o manuscrito por ele encontrado em um sebo num velho bairro de Buenos Aires era

---

\* Sou especialmente grata ao professor Eduardo Henrique de Lima Guimarães, sem quem, este texto não seria o mesmo. Naturalmente, as falhas e lacunas devem ser creditadas unicamente a mim.

\*\* Professora do Departamento de História da UFPB. Mestre em Ciências Sociais pela UFPB e doutoranda em História pela USP.

absolutamente autêntico. Assim, iniciando sua narrativa a partir de um milionário golpe de sorte que lhe teria colocado nas mãos esse antigo manuscrito em latim, em forma de carta, Gaarder prossegue descrevendo os caminhos da investigação da sua possível origem (e, para isso, ele chega na sua ficção a fazer pesquisas nos arquivos do Vaticano), ao mesmo tempo em que procede a sua tradução. Neste ponto, ele então nos apresenta aquilo que se constitui no cerne do livro, ou seja, a tradução e transcrição integral da carta de Flória Emília.

E, sem dúvida, a sensibilidade de Gaarder ao incorporar e construir o universo e o imaginário feminino é impressionante: a carta de Flória Emília é de uma beleza e profundidade indescritíveis e desconcertantes, apesar de incorrer em diversos anacronismos, o que torna a sua leitura um interessante exercício de análise histórica e filosófica.

E essa visão feminina construída por Gaarder caracteriza-se, fundamentalmente, pelo brilhantismo de sua argumentação, pela inteligência que perpassa todas as suas críticas e, sobretudo, pela utilização de uma fina e mordaz ironia que reveste esta carta de uma crueldade ímpar. Escrita após a hipotética leitura por Flória Emília das Confissões de Sto. Agostinho, esta carta expõe, com uma clareza e uma compreensão desconcertantes, as fragilidades e as incongruências existentes na base do pensamento agostiniano. Com sua crítica feroz, ela consegue, portanto, abalar o edifício teórico construído por Sto. Agostinho. Desta forma, Gaarder nos transporta a um palco imaginário e nos coloca diante de um rico e polêmico debate entre aquele que foi um dos pilares sobre o qual a Igreja Católica foi erigida e uma mulher a quem a História reservou apenas o espaço do anonimato e do esquecimento. E neste debate ficcional, dado ao público séculos depois, tem-se a clara impressão de ser Flória Emília, guarnecida de argumentos do século XX, a grande vitoriosa.

Começemos pela análise de dois conceitos fundamentais na obra agostiniana: concupiscência e continência. Uma das preocupações básicas de Sto. Agostinho, presente ao longo de todas as suas Confissões, é com a sexualidade, com as experiências sexuais, com as sensações libidinosas em geral, sintetizadas por ele na expressão “concupiscência”. Entretanto, “concupiscência” refere-se não apenas às sensações especificamente libidinosas, mas às experiências sensoriais em geral (audição, olfato, visão, etc.). Segundo

Sto. Agostinho, o homem é escravo dessas sensações, sendo controlado integralmente por elas. Com isso, a idéia de liberdade humana e de livre arbítrio perdem o significado no pensamento agostiniano. Ao contrário, prepondera a idéia da “servidão humana”, na qual o sexo é o elemento fundamental. Desse modo, Agostinho procedeu a mais original e sofisticada reelaboração do estoicismo laico clássico e inaugurou, no plano erudito, uma das mais poderosas e influentes filosofias do Ocidente, o estoicismo culpabilizado e culpabilizador cristão.

E as origens dessa fraqueza da vontade humana, ou seja, dessa submissão integral do homem ao império da concupiscência remete ao pecado original. Para Sto. Agostinho, o castigo ao ato de desobediência à interdição do fruto proibido foi a emergência do desejo. Ou seja, com a expulsão do Paraíso o homem passa não só a conhecer o desejo mas, sobretudo, se depara com a experiência de desejar aquilo que lhe é impossível atingir e, portanto, passa a desejar algo mesmo contra a sua própria vontade. Em síntese, sua vontade já não é mais capaz de deter a ânsia do desejo. E quanto aos desejos, o carnal/sexual assume importância prioritária uma vez que é o mais insistente e persistente, sendo, portanto, o mais capaz de subjugar a vontade humana.

A partir daí configura-se o conceito de “continência”. O que Sto. Agostinho almeja é a extinção do desejo, ou seja, a situação na qual os desejos já não mais existam, em que não se deseje mais. Através da “continência” o homem rompe as amarras que o escravizam ao mundo das sensações, podendo, assim, recuperar a autonomia da vontade e reencontrar a liberdade e o caminho para Deus.

Reconhecendo a importância exercida pela busca da continência por Sto. Agostinho, Flória Emília/Gaarder reconhece nela o elemento fundamental para a separação de ambos:

*“Minha rival não era apenas rival minha. Era rival de todas as mulheres, era o próprio anjo da morte do amor. Referes-te a ela como Continência.” (p. 31)*

Em um trecho mais adiante, referindo-se a uma crítica que Sto. Agostinho faz às experiências sexuais e travessuras de adolescentes e a insistência com que, ao longo dos anos, ele continua a

preocupar-se tanto com a Continência, ela consegue ser cruel na sua ironia:

*"Sim, este tipo de coisa é infantil, não concordas? Mas, vergonhoso? A coisa mais vergonhosa talvez seja que o bispo de Hipona Régia ainda se preocupe com essas travessuras." (p. 55)*

*"Na verdade, parece-me que estás mais absorto nesse tipo de coisa do que a maioria dos homens de tua idade, embora já se tenham passado quinze anos desde que te jogaste nos braços da Mãe Continência. (...) Pobre Aurell! Quanta vergonha tens de ser homem, tu que eras meu pequeno garanhão." (p. 57)*

Em torno dos conceitos de "concupiscência" e "continência" desdobram-se as elaborações de Sto. Agostinho a respeito do amor, da felicidade e de Deus. A partir daí, Gaarder aprofunda as divergências de visão entre ele e Flória Emília. Assim, ela vê o amor entre um homem e uma mulher não como algo impuro, expressão do pecado e do qual se deve afastar-se, mas, como uma expressão do amor de Deus:

*"Os anos passaram-se e muito aconteceu desde o tempo em que vivemos juntos na Itália, mas o fato de que me agradaste e de que tu mesmo encontraste prazer no perfume de meus cabelos quando viajávamos juntos levaria Deus a te amaldiçoar? Foi para redimir pecados como esse que ele deixou seu único filho ser pregado na cruz? Nós também tínhamos um filho conosco naquela jornada (...) - mas pregado numa cruz em nome do amor? Espero, para salvação de tua alma, que teu Deus tenha também desenvolvido um senso de humor como tinhas antes de encontrar os teólogos. Mesmo assim, ele deve ter um senso de humor mais macabro que o teu, senão poderá pensar que tua alma se deteriorou tanto desde quando atravessaste o rio Arno comigo que não é mais possível salvá-la. Onde há mais intelecto,*

*Excelência Reverendíssima, é onde, via de regra, há menos amor!" (p. 117)*

*"De minha parte, apraz-me a idéia de que o Deus que criou o céu e a terra seja o mesmo que criou Vênus. Lembras de quando eu estava grávida? Ou de quando amamentava o pequeno Adeodato em meu seio? Mesmo então ousavas procurar-me e não buscavas outra. Teria sido aquele o tempo em que mais longe estavas de Deus?" (p. 181)*

Por trás das divergências a respeito do papel da concupiscência, continência e do amor existente entre um homem e uma mulher, repousa uma profunda divergência na própria visão de Deus. Para Flória Emilia/Gaarder, os encantos que a vida e a natureza proporcionam e que eram vistos por Sto. Agostinho como tentações do mundo da concupiscência, são obras de Deus para as suas criaturas, os homens. Ela, ao contrário de Sto. Agostinho, não crê em um Deus da ira, da culpa e do castigo e sim, em um Deus que criou sua criatura para a felicidade e o amor:

*"Podes lembrar ainda como tocavas em todo o meu corpo e parecias apertar cada broto antes que eles se abrissem? Como gostavas de me colher! Como te deixavas intoxicar com meus perfumes! Como te nutria com meus sucos! E então foste embora e me vendeste pela salvação de tua alma. Que infidelidade, Aurel, que culpa! Não, não creio em um Deus que exija sacrifícios humanos. Não creio em um Deus que destrua a vida de uma mulher para salvar a alma de um homem," (p. 85)*

*"Mas pelos infernos, Aurel! Que é isso senão mitologia deformada? Tu, que ridicularizaste tão ferozmente as histórias dos deuses antigos, continuas acreditando em um Deus da Ira que irá punir e atormentar as pessoas por seus feitos por toda a eternidade?" (p. 107)*

Ao explorar as fragilidades, as fraquezas e as dúvidas do pensamento de Sto. Agostinho, o que está claramente exposto nas Confissões, e ao defender a sua crença em um Deus absolutamente

distinto daquele concebido por ele, Flória Emília aponta para a possibilidade de engano contido nos atos por ele tomados:

*"Às vezes, pode ser difícil para uma pessoa tomar uma decisão, e será tão estranho que às vezes tome a decisão errada?" (p. 187)*

*"Que Deus te perdoe. Talvez ele esteja em algum lugar observando-te escarnejar de todas as obras dele. Quantas vezes dizes em tuas confissões que em tua vida inicial estavas onde Deus não estava. Mas e se for somente agora que estás no caminho errado? (...) Evidentemente não há certeza de que este é teu último dia, mas pode muito bem ser. Visto assim, pode-se pensar também que não existe vida para nossas almas depois desta. Poderia ser assim, velho retórico, e agora quero que consideres essa possibilidade de novo. Pensar que o bispo de Hipona pode ter cometido um erro!" (p. 145-7)*

É na análise de Flória Emília a respeito da divisão interna e das dúvidas de Sto. Agostinho que talvez melhor apareça o ranço da mulher traída e abandonada. Nesses momentos, ela parece abrir mão das críticas irônicas, mas bem fundamentadas, dando lugar a análises mais superficiais que deixam transparecer a mágoa e o rancor ainda tão presentes. Para ela, as dúvidas de Sto. Agostinho eram tão somente um reflexo da sua divisão entre o amor de uma mulher e a necessidade que ele tinha de salvar a sua própria alma, ou seja, a sua própria pele. Na perspectiva de Flória Emília, nesse processo de escolha teria prevalecido o medo, tendo Agostinho optado pela salvação de sua alma. Para ela, aí repousa a vil traição da qual foi vítima:

*"Mas não é exatamente uma forma intensificada de infidelidade abandonar o ser amado para salvar a própria alma? (...) Mas não havia outra mulher em tua vida, apenas amavas tua alma mais do que a mim. Tua própria alma, Aurel, era ela que querias salvar, ela que outrora encontrara repouso em mim." (p. 25)*

*"Eu disse: aperta-me. A vida é tão curta e não podemos ter certeza de que exista alguma eternidade para nossas almas frágeis. Talvez esta seja a nossa única vida. Jamais acreditarias numa coisa dessas, Aurel. Darias trato à imaginação até encontrar uma eternidade para tua alma. Parecia mais importante para ti salvá-la da perdição do que salvar a minha alma."* (p. 99)

Sem dúvida, os anacronismos se fazem notar claramente a partir das citações acima. Seja pela forma erotizada e ativa com que uma mulher do período inicial da Idade Média se posiciona e encara o sexo, seja, sobretudo, pela visão de Deus incompatível com a sociedade e o momento históricos.

Entretanto, o trecho em que Gaarder incorre de forma mais acentuada no anacronismo é quando Flória Emília analisa a relação de Aurélio Agostinho com sua mãe, a futura Santa Mônica. Sem dúvida, Gaarder faz Flória Emília antecipar-se a Freud em pelo menos mil e quinhentos anos: "Já então eu sentia que tu e Mônica estavam ligados por laços que não são naturais entre mãe e filho." (p. 89) A relação edípica existente entre ambos é expressa com todas as letras por ela que, inclusive, compara os atos de auto-mutilação que real ou simbolicamente tanto Édipo quanto Agostinho praticam:

*"Mas, Aurel! Não tens vergonha? Esqueceste de Édipo e Jocasta? Bem, ele cegou-se e tu quiseras castrar-te, talvez resultem na mesma coisa. Furor poético, Aurel! De vez em quando é bastante tentador dizer a verdade com uma piada."* (p. 93)

Gaarder continua incorrendo nesse grave anacronismo psicanalítico ao fazer Flória Emília associar o simbolismo da autocastração com a imperiosa busca, por Agostinho, da salvação da alma. Isto aparece em um outro trecho da carta no qual ela revela um episódio não descrito por Agostinho em suas Confissões. Segundo Flória, após a morte de Mônica os dois se reencontram em Roma e passam algumas semanas juntos. Nessa ocasião, após fazerem amor, Agostinho é tomado por um súbito desespero e a espanca violentamente. Ela deduz:

*"Imaginei que poderias querer acabar com minha vida, pois isso teria o mesmo objetivo de tua possível autocastração. (...) De repente, eu me tornara algo para o qual não podias simplesmente dar as costas em nome da salvação de tua alma. Eu me tornara a ovelha sacrificial necessária para que as portas do céu se te abrissem"*(p. 193)

Certamente trata-se de uma construção bastante improvável para quem não tivesse tido contato e lido boa parte da obra freudiana...

Se o traço mais marcante da carta de Flória Emília é seu tom irônico, crítico e mordaz, por outro lado não se pode deixar de enfatizar que ela também é uma belíssima declaração de amor; talvez uma das mais belas declarações de amor feita por uma mulher ao seu homem. E, nesse ponto, é inegável a sensibilidade de Gaarder ao incorporar e construir esse universo feminino:

*"Quando me arranhavas com tuas carícias, estavas também rasgando minha alma."*(p. 77)

*"Havia fagulhas entre nós que não somente punham fogo em nossas almas como inflamavam nossos corpos."*(p. 81)

*"Pois deste-me corpo e alma, assim como entreguei-me de corpo e alma a ti. Onde estavas, eu estava, e onde eu estava aí querias estar."*(p. 83)

*"E se não houver céu acima de nós, Aurel, imagina que é para esta vida que fomos criados! Então, que nossas almas parem sobre o Arno por toda a eternidade. Pois não foi em Florença que Flória floriu, e não foi à luz do entardecer sobre o Arno que o rosto de Aurel reluziu ouro?"*(p.117)

Sem dúvida, através desta carta, Gaarder cria uma mulher moldada em torno da força e da coragem. Uma mulher que sendo obrigada a deixar seu homem e seu filho, consegue sobreviver e, principalmente, permanecer fiel a si própria, às suas convicções, aos seus ideais e à sua própria visão de Deus. Através desta mulher imaginária, Gaarder também nos coloca diante do lugar reservado às mulheres na História, do papel destinado à elas em um mundo



estruturado em torno de conceitos como os desenvolvidos pelo seu ex-amante, chegando até mesmo a permitir, mais uma vez através de nítido anacronismo, que ela consiga antever o futuro que lhes estaria reservado, sobretudo àquelas que, de alguma forma, se insurgissem contra a ordem "natural" dos homens,

*"Sou assediada pelo medo, Aurel. Tenho medo daquilo que os homens da igreja possam um dia fazer a mulheres como eu. Não apenas porque somos mulheres – pois Deus criou-nos mulheres. Mas porque tentamos a vocês, que são homens. Achas que Deus ama os eunucos e castrados acima daqueles homens que amam uma mulher. Então cuida como louvas a obra de Deus, pois ele não criou o homem para se castrar. (...) Tremo, pois temo o dia que virá quando mulheres como eu serão liquidadas pelos homens da Igreja universal."* (p. 219)

Com a construção da carta de Flória Emília, Gaarder consegue contrapor à visão masculina que hegemonizou historicamente a humanidade, impondo-se como determinante da moral sexual cristã ocidental, erigida a partir do início da Idade Média, uma outra visão do amor, da felicidade e de Deus.

As possibilidades de leituras, análises e interpretações que Vita Brevis proporcionam continuam de forma ilimitada. Mesmo tratando-se de uma ficção, sem dúvida Vita Brevis é capaz de, assim como deseja Gaarder em sua introdução, despertar nos leitores "...uma renovação do interesse pela língua latina e por toda a cultura clássica." (p. 14).